

ARTIGO COMPLETO – RELATO DE EXPERIÊNCIA

Alanis de Lemos Nascimento da Silva¹
Dandara Anunciação de Brito Pereira²
Fernanda Fernandes Moraes³
Vitoria Roza Liberato⁴
Fernanda Madalena Fiuza⁵

RESUMO

O presente trabalho resulta das experiências de quatro bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID)/Pedagogia, em 2025, que acompanharam uma turma de crianças de 2 anos no Espaço de Desenvolvimento Infantil Professora Maria Cecília Ferreira (EDI), na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Inspirados por autores como Azoilda Trindade (2005) e Ailton Krenak (2022), buscamos compreender como valores civilizatórios afro-brasileiros aparecem nas práticas educativas da professora supervisora do projeto. A metodologia adotada foi a observação participante, com análise de registros escritos e fotográficos, permitindo reconhecer a criança como sujeito que já é e que não precisa ser moldada para o futuro (Krenak, 2022). Assim, foi possível evidenciar que os valores civilizatórios afro-brasileiros, como a ancestralidade, a ludicidade, a corporeidade, a musicalidade, a oralidade, a circularidade se expressam cotidianamente nas práticas desenvolvidas. As crianças se desenvolvem brincando, interagindo, cantando, dançando em contato com a natureza e com os saberes de seus ancestrais. Cotidianamente, as crianças também se reúnem em roda para partilhar e ouvir histórias. Notamos ainda a presença da diversidade étnica-cultural nos brinquedos e livros, evidenciando um movimento para romper com o pensamento ocidental que impõe uma única forma de conhecer e viver. Dessa forma, as observações indicam que o EDI adota uma pedagogia que valoriza a criança em sua inteireza e diferença, promovendo práticas que respeitam culturas, experiências e expressões diversas. Para nós, bolsistas pibidianas, essa experiência tem sido fundamental na nossa formação docente, pois nos possibilita vivenciar a Pedagogia através de uma prática que reconhece a potência das infâncias e rompe com modelos engessados de aprendizagem. Concomitantemente, para as crianças, significa viver uma educação que afirma suas identidades e valoriza suas histórias.

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, alanispedufrj@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, dandarabritop@gmail.com;

³ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, fernandafernandesped@gmail.com;

⁴ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, rosavitoria234@gmail.com;

⁵ Professora orientadora: Professora de Educação Infantil da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro - SME/RJ, mestrandona em Educação e estudos da infância da Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ, fernanda.fiuza@rioeduca.net.



Palavras-chave: Educação infantil, Docência, PIBID, Valores civilizatórios afro-brasileiros.
X Encontro Nacional das Licenciaturas
IX Seminário Nacional do PIBID

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo contribuir para o debate acerca da importância da incorporação de saberes e valores afro-brasileiros na educação infantil, a partir de uma pesquisa desenvolvida em 2025 em uma turma composta por 24 crianças, de dois e três anos, matriculadas no Espaço de Desenvolvimento Infantil Professora Maria Cecília Ferreira (EDI CECI), no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), desenvolvido no curso de Pedagogia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Instituído em 2007, o PIBID é uma iniciativa do governo federal voltada para a formação inicial de professores, no qual são ofertadas bolsas à estudantes de licenciatura com intuito de possibilitar a prática docente durante a graduação, em parceria com escolas públicas. Dessa maneira, pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), o projeto contribui para a valorização da carreira docente e para o fortalecimento das relações entre universidade e escola, enquanto entende a prática educativa como campo de construção coletiva de saberes e experiências.

Vinculado à rede municipal, o CECI está localizado em Realengo, na Zona Oeste do Rio de Janeiro. Atualmente, atende crianças da creche à pré-escola em um ambiente planejado para acolher, valorizar e potencializar as infâncias, com espaços didáticos que favorecem a ludicidade, a expressão corporal, a coletividade e o contato pleno com a natureza, aspectos essenciais para o desenvolvimento integral do indivíduo. O espaço se estrutura, portanto, como um território de cuidado e experimentação, onde a criança é reconhecida como sujeito ativo no processo de ensino-aprendizagem.

A observação da turma do Maternal II evidenciou, na prática docente da professora supervisora do projeto, uma práxis em diálogo com as reflexões de Trindade (2005) e Krenak (2022). Por essa razão, mediante uma abordagem qualitativa, buscou-se compreender de qual modo os princípios étnico-culturais orientam uma Pedagogia que reconhece e valoriza as diferenças como constitutivas do ser humano. A metodologia adotada foi a observação participante, com registros escritos e fotográficos que possibilitaram reflexões sensíveis e significativas para o desenvolvimento do tema. As observações realizadas evidenciaram a presença dos valores civilizatórios afro-brasileiros que permeiam o cotidiano da instituição,

como as rodas de conversa, a diversidade étnico-racial nos brinquedos e os momentos de aprendizagem atravessados por ancestralidade e afeto. Observou-se também a garantia da criança ao contato com a terra, direito negado em modelos hegemônicos de ensino.

Assim, ao articular teoria e prática, este artigo apresenta uma reflexão sobre a experiência formativa possibilitada pelo PIBID, destacando como a aproximação entre universidade e escola é potencializadora de práticas comprometidas com a construção de uma educação crítica, antirracista, decolonial e enraizada nas heranças africanas, uma vivência importante para a integralidade das crianças e uma oportunidade substancial para a formação docente.

METODOLOGIA

O caminho metodológico escolhido para o desenvolvimento do trabalho foi a observação participante, uma vez que o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência permite aos licenciandos uma inserção engajada nos espaços educativos, nos proporcionando oportunidade de participação ativa e contribuindo para a construção da identidade profissional docente (CAPES, 2025). Os registros foram realizados entre os meses de Março e Setembro, por meio de anotações em diários de campo, registros fotográficos e relatos reflexivos produzidos mensalmente sob orientação da docente coordenadora do projeto. Esses materiais serviram como instrumentos para a coleta de dados e subsidiaram as análises apresentadas neste relato de experiência. Concomitantemente, foram realizadas reuniões semanais com as professoras para discussão do saber-fazer investigado, nas quais o diálogo mostrou-se primordial para a troca de saberes entre pibidianas, sobretudo entre aquelas que iam à creche em dias distintos, resultando em uma pluralidade de experiências, ideias e observações, multiplicidade que enriquece o trabalho. É evidente que a aproximação do saber acadêmico com as práticas educativas concretas fortaleceu o caráter formativo e colaborativo da pesquisa e nos instigou a busca pelo conhecimento. À vista disso, tornou-se possível compreender como os valores civilizatórios afro-brasileiros – como a ancestralidade, a ludicidade, a corporeidade, a musicalidade, a oralidade e a circularidade, são manifestados cotidianamente nas práticas pedagógicas desenvolvidas pela docente do EDI com as crianças.

No que tange aos aspectos éticos, o trabalho respeitou integralmente às normas de consentimento no uso de imagem das crianças e professoras referidas, visto que os registros fotográficos contam com a devida autorização institucional e dos responsáveis ao realizar o ato da matrícula.

Ao observarmos os valores civilizatórios afro-brasileiros, suas provocações na educação infantil e a nossa vivência no EDI, percebemos que a escola é um espaço de fortalecimento de identidades, de memórias e de modos de existir no mundo. Azoilda Loretto da Trindade (2010) mostra que os valores civilizatórios afro-brasileiros, tais como a ancestralidade, a oralidade, a ludicidade, a corporeidade, a musicalidade e a circularidade podem orientar formas de viver e aprender sendo baseados no coletivo, na afetividade e na resistência histórica dos povos africanos e afrodescendentes. Esses valores fazem parte do cotidiano do EDI por meio das interações, das brincadeiras, das expressões artísticas e da convivência, ensinando as crianças aprenderem com o corpo, com o outro e com a natureza.

A nossa vivência nesta instituição nos possibilitou perceber que a adoção desses valores na educação infantil como característica das práticas educativas representa um basta no ensino eurocêntrico, que historicamente hierarquiza saberes e impõem uma visão fragmentada e excludente do ser humano. Para Trindade (2010), educar a partir da visão afro-brasileira é criar uma prática pedagógica que abraça a diversidade cultural, combate o racismo e garante a valorização das identidades negras desde a infância. Afinal, esses modos de ser, de viver e de conhecer foram historicamente marginalizados, e é por isso que a autora reforça a necessidade de uma prática educativa antirracista e inclusiva.

Ao articularmos as ideias de Krenak e Trindade na educação infantil, conseguimos ampliar a nossa compreensão de educação para além da transmissão de conteúdos, para uma que valoriza a experiência, a afetividade e a coletividade como base do aprendizado. No livro *Futuro Ancestral*, Ailton Krenak (2022) faz uma crítica sobre à nossa desconexão com os ritmos naturais da vida, defendendo a necessidade de uma educação que se reconecte com a Terra, com os saberes ancestrais e com os ritmos da existência. Krenak nos lembra a importância de vivermos com encantamento, respeitando os ciclos da natureza e os laços entre as pessoas, os lugares e as memórias. Para o autor, olhar para o futuro exige o reconhecimento da ligação entre o passado e o presente, de forma que o cuidado com o outro e com o planeta se tornam atos de resistência e esperança.

Educar para Trindade e Krenak significa formar sujeitos integrais, que aprendem com a experiência sensível, se tocam pelo outro, sentem o corpo e entendem que pertencem ao coletivo. A ancestralidade, nesse contexto, é compreendida como um tempo vivo, que pulsa no cotidiano das crianças e através de práticas que celebram o corpo, a música, o brincar e a



O referencial teórico que fundamenta este estudo, com base nas reflexões de Trindade (2010) e Krenak (2022), destaca a necessidade de uma educação que não se separe da vida, da natureza e das memórias ancestrais. Não se trata de ver a infância como uma mera preparação para o futuro, mas como tempo pleno de existência, em que aprender é também celebrar a continuidade da vida e o pertencimento à coletividade. Esses ideais oferecem uma perspectiva da educação que enxerga a criança como ser de saberes, afirmando sua identidade cultural, sua memória de um jeito inclusivo e cheio de sensibilidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

À luz do referencial teórico que guia esse estudo, as práticas observadas no EDI Professora Maria Cecília Ferreira revelam as infâncias sendo vividas como templo pleno de existência, em que os valores civilizatórios afro-brasileiros não são apenas conceitos, mas elementos ativos do cotidiano escolar.

Inspirada pela educadora Azoilda Loretto da Trindade (2010), compreendemos que a oralidade é uma das mais potentes expressões dos valores civilizatórios afro-brasileiros, pois é o conhecimento que não é escrito, é o tempo e o corpo em movimento, é a memória viva que liga o passado ao presente, o ancestral ao contemporâneo. No cotidiano da Educação Infantil, a oralidade não é apenas o ato de falar, mas de fazer-se ouvir e de reconhecer-se na fala do outro, como quando as crianças contam suas histórias, expressam sentimentos, compartilham o que vivem em casa e no território. No EDI, as rodas se tornaram palco e porto: nelas, as crianças cantam, narram, escutam e se reconhecem umas nas outras. Cada voz é uma semente, e cada escuta, um gesto de germinação coletiva. As crianças narram o que viveram em casa, contam histórias inventadas, transformam lembranças em cantigas, e canções em gestos. Em certos momentos, uma delas começa a cantar e logo o grupo inteiro acompanha, criando um coro de afetos e memórias. O espaço da sala se converte em território de escuta e criação, onde a palavra circula como energia viva. Esse movimento é alimentado pela prática pedagógica das professoras, que mantêm abertura constante para o diálogo: não apenas escutam, mas ouvem; não apenas observam, mas se deixam afetar. As decisões sobre projetos e temas de trabalho partem do interesse das crianças, sejam eles a paixão pelos animais marinhos, que deu origem ao nome da turma e ao projeto Amigos da Baleia, seja a

curiosidade despertada no projeto Balaio Ubuntu: Eu sou porque nós somos. Nesse projeto, as crianças puderam votar, escolher e explorar objetos representando a cultura indígena como: brinquedos, culinária, instrumentos e literatura, fazendo com que no aprendizado eles experienciem o aprender como gesto de autonomia e pertencimento.

A oralidade se entrelaça à circularidade, outro valor essencial da pedagogia afro-brasileira, pois a roda, mais do que uma disposição espacial, é um modo de estar junto sem hierarquia e sem centro fixo, mas com energia em fluxo. Azoilda (2010) nos lembra que é na roda que a vida acontece, e ali a convivência se torna aprendizagem. No cotidiano da turma, a circularidade é vivida em cada momento: nas conversas matinais, nas canções que se repetem, nas histórias que se criam coletivamente. Foi nesse movimento que nasceram os projetos conduzidos pelas próprias crianças. A escuta ativa e a liberdade de escolha reafirmam a perspectiva de uma educação democrática e ancestral, em que cada criança é sujeito de sua própria história e construtora de saberes compartilhados.

As rodas de convivência são, também, verdadeiras celebrações da ancestralidade. Nelas, o tempo se expande e o passado se faz presente. As histórias contadas, como a dos Tesouros de Monifa, que fala sobre heranças e memórias, são seguidas por práticas que enraízam o conteúdo vivido. Em uma dessas rodas, as professoras pediram às famílias que enviassem fotos dos avós e bisavós das crianças. As imagens foram apresentadas uma a uma, e as crianças puderam reconhecer seus ancestrais e conhecer os dos colegas. O resultado foi um mural repleto de rostos, sorrisos e raízes, acompanhado da frase: “Somos ramos de um tronco que gira no tempo, crescendo com a força dos antepassados.”.

Esses momentos de circularidade ultrapassam o campo da metodologia: são rituais de pertencimento. O corpo em roda, as vozes em diálogo e o som das músicas infantis, tal como a da baleia, do anel perdido no mar, do jacaré e da pulguinha, ecoam o mesmo princípio que sustenta as rodas de samba e de capoeira: são gestos civilizatórios de resistência, comunhão e celebração da vida. A roda de capoeira, como lembra Trindade (2010), não é apenas luta, mas diálogo corporal; o samba, por sua vez, é canto de ancestralidade, roda que resiste às tentativas de silenciamento. Na roda do EDI, essas heranças ganham forma no corpo das crianças: nas palmas, nas danças, no compasso coletivo. Quando uma criança canta e outra responde, repete ou improvisa, ela não está apenas aprendendo música, mas está atualizando uma memória ancestral que atravessa gerações. A circularidade é, portanto, uma forma de existir e de ensinar que se contrapõe à lógica linear e hierárquica da educação tradicional. Na roda, todos são centro. Todos têm voz. A criança não é conduzida: ela conduz. A professora



não é autoridade isolada: é parceira de caminho. E é nesse fluxo que a aprendizagem se faz viva, afetiva e coletiva.

Dialogando com Ailton Krenak (2022), a circularidade é ecológica. Ele nos lembra que o aprendizado precisa respirar o mesmo ar que a Terra, tendo em vista que o círculo não é apenas símbolo humano, mas forma da própria natureza através do ciclo da água, das estações, do tempo. Assim, quando as crianças se sentam em roda sob o sol, tocam a terra, brincam com as folhas e constroem suas histórias coletivas, estão praticando um saber ancestral: o de que somos parte do todo. No EDI Maria Cecília Ferreira, o círculo é mais do que uma disposição de corpos; é um modo de vida. Ali, a palavra gira, o afeto gira, o conhecimento gira. E é nesse girar que se reconhece o coração da pedagogia afro-brasileira: o compromisso com o comum, com o pertencimento e com a vida em abundância. Na convivência com as crianças, a sabedoria ancestral da coletividade se tornava visível em gestos simples: no modo como se esperavam para partilhar um brinquedo, no olhar atento da professora que se ajoelha para ouvir uma fala sussurrada, na roda que se abre para caber mais uma voz.

Além disso, Ailton Krenak (2022) nos convida a perceber que a educação só tem sentido quando nasce da relação com a vida e com a Terra. No cotidiano do EDI, essa conexão é visível: o chão vira cenário de descobertas, o vento se torna parte da brincadeira e o corpo é instrumento de expressão e pertencimento. Ao ver as crianças em roda, tocando a terra, dançando sob o sol e cantando sobre o mar, compreendemos a profundidade das palavras do autor, que diz que a infância não é um preparo para o futuro, é o próprio presente pulsando em potência. Os corpos dessas crianças, então, não são vistos apenas de forma biológica ou estética, mas como patrimônio cultural e simbólico, lugar de saberes, trocas e construção de conhecimento. A corporeidade faz-se presente quando o corpo é valorizado como espaço de expressão, afeto e aprendizado, inclusive em contato com a natureza. As crianças anseiam pelo brincar, principalmente do lado de fora, verdade que ecoava a cada manhã, quando pediam para brincar no parquinho, onde são livres para entrar em contato com a grama, sentir o sol e correr uns com os outros. Na creche, durante as brincadeiras ao ar livre, é permitido que a criança experiencie o contato pleno com a terra. Apesar da introdução de objetos como potes, panelinhas e outros objetos considerados brinquedos, elas usam da terra e das folhas caídas do chão para brincar, se reconhecendo como parte vital da natureza. Entre folhas e pedrinhas, o aprendizado se dava no corpo inteiro: mãos que misturam, pés que correm, olhos que descobrem. Entendemos, assim, que educar também é conectar. Ali, o saber não estava apenas nas palavras, mas na experiência viva de existir junto à natureza. É como



Krenak (2022, p. 55) questiona “Quando foi que a terra virou sujeira?”, afinal, percebe-se que para as crianças, que criam brincadeiras com musgos, conchas e pedras, a natureza não é exploração, é pertencimento e terra fértil de imaginação. Ao lado disso, a corporeidade ganha novos sentidos. O corpo das crianças, muitas vezes domesticado por regras, padrões e estereótipos, pode ser visto como território de liberdade e expressão, lembrando-nos de que a desconexão com o mundo natural é a perda de sentido da nossa própria existência.

É nesse mesmo movimento que a ludicidade se revela como força vital da infância. Brincar, rir e celebrar são expressões de resistência e vitalidade, necessárias para que um povo não morra em vida (AZOILDA, 2010). Cotidianamente vemos as crianças demonstrando suas vivências através de suas brincadeiras: quando brincam de “mamãe e filhinha” vestindo, alimentando e colocando para dormir as bonecas da sala; quando um bloco de montar é transformado em maquiagem; quando arrumam bolsas com diversos objetos e dizem que vão ao mercado ou ao shopping, carregando miniaturas como se fossem objetos do cotidiano adulto. São dessas maneiras que as crianças representam aquilo que absorvem do mundo ao seu redor, respirando o lúdico e transformando o corpo em universos inteiros, como quando dizem que são monstros que correm uns atrás dos outros para escapar. As infâncias, se respeitadas e potencializadas, iluminam o espaço escolar com vida e invenção. No interior do prédio do EDI, existe o “canto da natureza” com pedras, conchas e musgos que convidam ao explorar. Em outro ambiente, ainda no interior, há fantasias disponíveis para dar asas à imaginação das crianças, expandir o imaginário e incentivar seu “faz de conta”. Enquanto isso, nos espaços externos, a ludicidade ganha ainda mais potência, por meio de objetos reciclados que se tornam elementos de criação nas mãos das crianças. A tampa de um pote torna-se prato, o graveto torna-se canudo e o recipiente vazio de um hidratante corporal é suco de morango. É pelo lúdico que as crianças narram suas histórias, constroem vínculos e experimentam o pertencimento. Nesses enlaces, o brincar emerge como um gesto de liberdade que une corpo, imaginação e axé, muito axé.

A ancestralidade é mais um valor afro civilizatório que funciona como um fio condutor entre os demais valores, é o que permite que todos continuem sendo transmitidos através das gerações, fazendo com que estas heranças afro brasileiras sejam repassadas para as gerações futuras. É importante que as crianças saibam as histórias de seus antepassados e de figuras importantes para a história, símbolos de resistência, este saber poder transmitido pelos mais velhos mantém vivo legados ancestrais. No EDI CECI, vivenciamos este valor sendo incorporado através das atividades trabalhadas e nas experiências com as crianças. A atividade desenvolvida com as fotos dos familiares mais velhos das crianças, citada

anteriormente, valoriza as figuras ancestrais presentes no contexto social delas. Reconhecer os saberes antepassados referentes às famílias é um fazer importante para com as crianças. Além disso, uma menina negra da turma, com dois anos, havia demonstrado um interesse grande por cabelos e penteados. Ela amarrava panos e casacos na cabeça e penteava nossos cabelos, demonstrando facilidade em dar dois nós com o elástico. O livro “Tesoros de Monifa” trabalhado de forma conjunta a atividade, serviu de identificação para ela, algumas vezes segurou o livro sem deixar ninguém pegar, aberto na página em que a personagem principal, também negra, com cabelo trançado, aparecia com sua avó. Na festa junina da escola, tivemos a oportunidade de conhecer a avó da menina e descobrir que ela é trancista. Sabendo disso, torna-se nítido como saberes ancestrais se fazem sucessórios instinctivamente, de maneira orgânica e intuitiva. A figura desta avó é, sem dúvidas, uma parte muito importante para constituição de identidade e saberes para essa menina negra.

A musicalidade, outro valor destacado por Trindade (2010), atravessava o cotidiano como fio de comunhão: canções inventadas, batucadas com potes e tampas, risadas que viravam refrão. Nas danças improvisadas ao som do samba ou do funk que vinha da rua, vimos a alegria de corpos que sabem o que querem dizer. Ter contato com ritmos de origem afro-brasileira garante à participação das crianças na vida cultural, o que, conforme orienta a BNCC (BRASIL, 2017), é essencial para ampliar o universo de experiências e consolidar novas aprendizagens. Toda criança deve poder se apropriar, conhecer sons e cantores que contribuem para a música popular brasileira. As crianças do EDI foram apresentadas a grandes vozes do samba, dançaram e cantaram suas músicas em roda. Os sambas enredos da Mocidade Independente de Padre Miguel, escola vizinha ao bairro de Realengo, também foram incrementadas às brincadeiras das crianças no pátio da escola, reafirmando o pertencimento das crianças à cultura brasileira em sua pluralidade.

Houve dias, no entanto, em que o aprendizado se manifestou em desafios. O episódio da chegada da boneca Maria foi um deles. Ao ser apresentada à turma, a boneca negra foi inicialmente rejeitada, chamada de “feia”. O impacto foi profundo. Diante daquela cena, o racismo mostrou seu rosto precoce, reproduzido na inocência da infância. Mas também foi ali que compreendemos, de maneira viva, o poder da educação como gesto de cura. As professoras não silenciaram o incômodo; transformaram-no em diálogo, afeto e cuidado. Falaram da beleza do cabelo de Maria, de suas roupas coloridas, de sua doçura. Pouco tempo depois, a rejeição se dissolveu em carinho, e Maria passou a ser disputada nos colos, amada e acolhida. A transformação não se deu apenas nas crianças, mas em nós. Aprendemos que educar é estar disposta a se afetar. Que toda mediação é também uma forma de reconstruir o

próprio olhar. Azoilda Trindade (2010) nos lembra que “a escola é espaço de reinvenção, onde os valores civilizatórios afro-brasileiros podem se materializar como práticas de resistência e emancipação”. Foi o que vimos acontecer. Os valores civilizatórios afro-brasileiros não eram conceitos distantes, mas práticas cotidianas que moldavam a vida da turma. A roda, a canção, o toque, o movimento, o contato, transformavam o espaço escolar em território de cuidado e pertencimento.

Porém, um dos grandes desafios foi compreender o nosso papel entre observar, mediar e intervir. Era preciso equilíbrio para não conduzir o brincar, mas também não se ausentar dele. A experiência exigiu sensibilidade para reconhecer que a escuta é uma prática política, uma escolha que afirma a voz do outro como legítima. Aprendemos a sustentar o silêncio, a esperar o tempo das crianças e a confiar em suas potências.

Figura 1: Atividade sobre ancestralidade desenvolvida com as crianças.



Fonte: Autoria própria, 2025.

Figura 2: Dinâmica em roda com música, tocada no ukelele pela professora supervisora, bonecas indígenas e a boneca “ Maria”.



Figura 3: Crianças brincando de “panelinhas” com materiais reciclados.



Fonte: Autoria própria, 2025.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em diálogo entre Azoilda Loretto da Trindade e Ailton Krenak, foi possível encontrar a essência da “arte Ceci de cuidar e educar”: uma pedagogia tecida com afeto, ancestralidade e escuta. A partir de nossas observações, discussões e reflexões, compreendemos que é um ensino vivenciado no EDI, um ambiente que reconhece o sagrado nas pequenas coisas, que permite que cada criança seja autora de si e do coletivo. Naquele espaço, as palavras ganham corpo, o corpo ganha voz, e o aprendizado se faz em movimento circular, como o mar que abraça, como o tempo que gira, como a vida que insiste em florescer. Conviver com as crianças da turma dos Amigos da Baleia e da Maria foi mergulhar em um oceano de aprendizados. A cada dia, o cotidiano se apresentava como uma dança entre o planejado e o imprevisto, entre o que se ensina e o que se descobre. As práticas inspiradas nos valores civilizatórios afro-brasileiros nos convidaram a desaprender a pressa, a hierarquia e o controle, para, enfim, aprender o tempo do encontro, da escuta e do olhar que acolhe. Percebemos que a educação infantil é, antes de tudo, um território de relações. E nelas, a palavra e o silêncio possuem a mesma importância. Como nos ensina Azoilda Trindade (2010), “o conhecimento se constrói no coletivo, na troca entre corpos, histórias e afetos.”

O aprendizado maior talvez tenha sido perceber que a educação infantil não é o começo de um caminho, mas o próprio caminho. Que o cotidiano é feito de miudezas, um penteado





feito com cuidado, uma folha oferecida como presente, um abraço que consola uma queda. E que é nessas pequenas ações que se revela a força ancestral de um povo que resiste, cria e se refaz. Como afirma Krenak (2022), o futuro só existe se enraizado na ancestralidade. E foi isso que vimos florescer na “arte Ceci de cuidar e educar”: uma prática que, ao cuidar, educa; e ao educar, transforma. Cada gesto de afeto se tornava um ato político. Cada brincadeira, um modo de reconstruir o mundo. E cada criança, uma guardiã da memória que o tempo não apaga.

AGRADECIMENTOS

Ao PIBID, pela oportunidade ofertada que possibilita a permanência estudantil. À professora Deise, pela orientação e pela confiança em nosso trabalho. À professora Fernanda, pelas práticas inspiradoras que nos fazem acreditar em uma educação transformadora. Ao CECI, pelo acolhimento e parceria constantes. E, é claro, às crianças do CECI, por nos ensinarem que a docência e a vida são caminhos de descobertas, trocas e aprendizados compartilhados. Que sigamos com axé, afeto e encantamento. Que a roda nunca se quebre, que a palavra circule e que o riso siga ecoando entre nós.

REFERÊNCIAS

KRENAK, Ailton. *Futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Valores civilizatórios afro-brasileiros na Educação Infantil. In: TRINDADE, Azoilda Loretto da (Org.). *Africanidades brasileiras e educação*. Brasília: SECAD/MEC, 2005. p. 131-137.

CAPES. *Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID*. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/pibid/pibid>. Acesso em: 13 out. 2025.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 14 out. 2025.

